

## Notas de leitura

George HART

### **Pharaohs and pyramids. A guide through Old Kingdom Egypt**

Londres, The Herbert Press, 1991, 240 p., il. ISBN 1-871569-36-2

O apreciado egiptólogo britânico George Hart, mestre em Arte e Arqueologia do Egito (University College, de Londres), colaborador do British Museum e da Universidade de Londres, enriqueceu a vasta bibliografia egiptológica com mais uma publicação de temática piramidal. O novo livro, como o próprio autor sugere, foi concebido como a «popularly-accessible interpretation of the pyramid Era» (Acknowledgements, p. 6), e divide-se em três partes, com a unificação dinástica e a emergência da era piramidal na III dinastia, o crescimento e o apogeu do Império Antigo, até ao seu colapso em finais da VI dinastia, numa evolução histórica a que o autor quis dar uma apelativa e propositada conotação solar, desde a aurora (I. Dawn), o nascer do Sol (II. Sunrise) e o ocaso (III. Sunset).

Após o prefácio (p. 7-8) assinado por Barry Cunliffe, da Universidade de Oxford, vem uma lista com os nomes dos monarcas da Época Arcaica ou Tinita e do Império Antigo (p. 9), a qual segue a preferência de John Baines e Jaromir Málek no seu *Atlas of ancient Egypt*. Oxford, 1981, seguindo-se um quadro sinóptico mostrando a sucessão dos reis dos mencionados períodos históricos com os monumentos que mandaram construir e os principais eventos contemporâneos (Time Chart, p. 10-11). A p. 12 insere um mapa do Egito, enquanto a p. 13 nos mostra a planta da grande necrópole de Sakara, com destaque para o complexo funerário do Hórus Netjerirkhet Djoser.

A introdução (p. 14-17) apresenta-nos o Nilo e o deserto, a população nilótica, os faraós (com uma explicação dos cinco nomes reais) e os deuses, as fontes para o conhecimento da história do Egito e a divisão dinástica.

Com «Historical Outline» (p. 18-24) temos uma boa e sucinta interpretação da evolução política que conduziu o país do Nilo dos tempos pré-dinásticos à Época Arcaica ou Tinita até ao Império Antigo, o tempo das pirâmides, que irá

declinar em finais da VI dinastia, devido a «worsening climate changes, as well as weak rulers» (p. 24).

A primeira parte trata da emergência do poder faraónico (I. Dawn: «The Emergence of the pharaonic realm», p. 25-68), desde as culturas pré-faraónicas de Badari, de Nagada I (Amratense), Nagada II (Guerzense) e ainda a fase protodinástica conhecida por Nagada III (Semainense), a qual nem todos os autores contemplam nas suas periodizações. A unificação das Duas Terras, formalmente documentada na célebre paleta de Narmer (p. 47-49), marca o estabelecimento firme do poder dos Hórus da I e II dinastias que se comprova nos imensos túmulos reais em tijolo (mastabas) dessa época erigidos em Sakara e em Abidos. Hart, acompanhando as teses de Walter Emery e Jean-Philippe Lauer, entre outros, garante que as construções de Sakara são os túmulos dos monarcas enquanto as de Abidos seriam cenotáfios (p. 52). O capítulo termina com a análise do grande complexo funerário sakariano-menfita de Netjerirkhet Djoser (p. 58-68).

Na segunda parte (II. Sunrise: «The God-Kings of the Pyramid Age», p. 69-220) são evocadas as pirâmides de Seneferu, o fundador da IV dinastia, preparando o caminho para as três célebres pirâmides de Guiza, dos faraós Khufu, Khafré e Menkauré, com destaque para a grande pirâmide (p. 89-102). Depois são descritas as pirâmides da V dinastia, tempo da ascensão do deus Ré (p. 145-154) e as construções funerárias dos altos funcionários (p. 155-220).

O ocaso do Império Antigo é apresentado na terceira parte (III. Sunset, p. 221-234), composta pelo capítulo «King of the horizon, oldest of the gods», que recorda os «Textos das Pirâmides», verdadeiros «textos de apoio» do rei defunto pela primeira vez inscritos no interior da pirâmide de Unas (V dinastia), e as pirâmides da VI dinastia que em relação aos tempos áureos anteriores baixam em altura e em qualidade de construção.

Esta oportuna obra, excelentemente ilustrada, remata-se com a bibliografia (p. 234-235) e o índice remissivo (p. 235-239). Tal como noutros seus trabalhos recentemente editados, também neste os nomes próprios se apresentam na forma egípcia, naturalmente na sua transcrição inglesa de Khufu, Rakhaef (preferível, segundo George Hart, à transcrição de Khaefra), Menkaura, e muitos outros.

*Luís Manuel de Araújo*

---

Paul T. NICHOLSON  
**Egyptian faience and glass**

Princes Risborough, Shire Publications, 1993, 80 p., il. (Shire Egyptology, 19)  
ISBN 0-7478-0195-9

---

Paul Nicholson, doutorado em Arqueologia e Pré-História pela Universidade de Sheffield, interessou-se pela temática egíptológica e acompanhou a expedição

a Amarna-Akhetaton organizada em 1983 pela Egypt Exploration Society, tendo depois participado noutras actividades dinamizadas pela referida instituição, nomeadamente na campanha arqueológica de Mênfis em 1986. Actualmente é investigador (De Velling Willis Research Fellow) no Departamento de Arqueologia e Pré-História da Universidade de Sheffield.

Era intenção do autor analisar, em dupla mas complementar visão, a tecnologia do fabrico do material vitrificado, conhecido pela designação de faiança egípcia, e do fabrico do vidro, este mais raro que a faiança e produzido quase exclusivamente durante o Império Novo (séculos XVI-XII a. C.). Boas ilustrações apoiam convenientemente o texto, indicando-se a origem das gravuras nas p. 4-5 (quase todas elas reproduzem objectos egípcios em faiança e em vidro existentes nos acervos britânicos).

A cronologia de apoio ao leitor (p. 6-7) baseia-se em W. J. Murnane (*The Penguin Guide to Ancient Egypt*, 1983), mencionando apenas os nomes dos soberanos que de algum modo estão relacionados com a produção de objectos em faiança e em vidro e que, por isso mesmo, são citados no livro. Estranha-se o demasiado longo reinado aqui atribuído a Amen-hotep II (Amenophis II), 1453-1419, o que se vem negativamente reflectir na arrumação dos restantes reinados do Império Novo (cf., entre outros, Sir Alan Gardiner - *Egypt of the Pharaohs* (Oxford, 1961) p. 443; Jean Leclant, dir. - *Les Pharaons: 2 - l'Empire des Conquérants* (Paris, 1979) p. 320).

A p. 8 insere um quadro, elaborado por P. Vandiver, mostrando a evolução dos métodos de fabrico da faiança, com duas colunas a sublinhar a manufactura do núcleo e o processo de vitrificação externa, do período pré-dinástico à Época Greco-romana.

A obra divide-se em duas partes: a faiança (Part I: Faience, p. 9-41) e o vidro (Part II: Glass, p. 42-70). O primeiro capítulo apresenta-nos «The material» (p. 9-17) seguindo-se uma evolução cronológica desde o período pré-dinástico (p. 19), a longa fase que engloba a Época Arcaica ou Tinita, Império Antigo e Primeiro Período Intermediário (p. 19-22), o Império Médio e o Segundo Período Intermediário (p. 23-27), o Império Novo e o Terceiro Período Intermediário (p. 28-38) terminando com a Época Baixa e a Época Greco-romana (p. 39-41).

A segunda parte, dedicada ao vidro, começa com «The material and its technology» (p. 42-44), os primeiros indícios de produção vidreira no Império Médio e Segundo Período Intermediário com influências mesopotâmicas («The earliest glass in Egypt», p. 45-46), até à época áurea do fabrico de objectos em vidro, o Império Novo, nomeadamente durante a cosmopolita XVIII dinastia (p. 47-60). Seguem-se o Terceiro Período Intermediário e a Época Baixa (p. 61-64), e conclui-se com a Época Greco-romana, altura em que a produção ganha novo incremento com o fabrico de peças de inspiração grega, sobretudo em Alexandria, numa clara «hellenisation of the glass industry» (p. 65-70).

Um mapa do Egipto na p. 71 dá destaque às zonas mencionadas no texto, com reprodução aumentada da região tebana e da Baixa Núbia. Seguem-se um glossário de termos técnicos relacionados com a produção da faiança e do vidro (p. 72-74), a bibliografia (p. 75-76), uma lista de museus que expõem objectos feitos nos materiais aqui tratados (p. 77-78), rematando com o índice remissivo (p. 79-80). Gostaríamos de acrescentar à lista de museus, a um nível sem dúvida mais modesto, as faianças patentes em acervos egiptológicos portugueses: e se

as colecções do Museu Nacional de Arqueologia e da Sociedade de Geografia de Lisboa apresentam razoáveis exemplos de objectos em faiança (amuletos e chauabtis), já algumas peças do Museu Calouste Gulbenkian, do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências do Porto, e até a pequena colecção do Museu Nacional de Soares dos Reis, têm notável qualidade. Quanto à bibliografia, dela não consta o recente estudo de Fabienne Lavenex Vergès - *Bleus Égyptiens* (Lovaina, Paris, 1993) indispensável referência na abordagem do tema.

Luís Manuel de Araújo

Geoffrey KILLEN

**Egyptian woodworking and furniture**

Princes Risborough, Shire Publications, 1994, 64 p., il. (Shire Egyptology, 21)  
ISBN 0-7478-0239-4

A variada série Shire Egyptology oferece-nos com este seu 21.º volume um oportuno estudo sintetizado de Geoffrey Killen, que se especializou em técnicas de fabrico de mobiliário antigo no Shoreditch College (Universidade de Londres). Já anteriormente o autor, que estagiou no Museu do Cairo como bolsheiro da Universidade de Cambridge, se interessara pelo mobiliário egípcio, tendo publicado vários textos sobre o trabalho da madeira e o fabrico de caixas no antigo Egipto.

A lista das ilustrações (p. 4-5) mostra que quase todas as peças fotografadas pertencem a colecções de museus britânicos, contendo ainda reproduções de imagens de túmulos que evocam a actividade de carpinteiros e entalhadores. A cronologia de apoio (p. 6) inclui a XXXI dinastia (segundo período de ocupação persa) que muitos egiptólogos, seguindo Maneton, não reconhecem.

Com «Woodworking materials» (p. 7-12), apresenta o autor os materiais que a região nilótica punha à disposição dos artífices (acácia, tamargueira, sicômoro) e os que eram importados (cedro, ébano), para no capítulo seguinte, dedicado a «Woodworking techniques and fittings» (p. 12-18), evocar as várias técnicas desenvolvidas no trabalho da madeira, com destaque para o ajustamento de peças preparadas para encaixe. Em seguida vemos a evolução da produção, desde o período pré-dinástico e a Época Arcaica ou Tinita (p. 19-27), o Império Antigo (p. 28-36), sublinhando-se o mobiliário descoberto no túmulo da rainha Hetep-heres e os encostos de cabeça (esses curiosos objectos de que a colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia possui um exemplar), o Império Médio (p. 37-42), o Império Novo (p. 43-53), e finalmente a Época Baixa e Época Greco-romana (p. 54-56). Para cada uma destas épocas históricas são descritas as ferramentas utilizadas na altura, recorrendo amiúde aos exemplos fornecidos pelos espólios funerários e pelos relevos e pinturas tumulares.

Um mapa do Egito com os locais mencionados no texto (embora dele não conste Alexandria) ocupa a p. 57, seguindo-se um glossário (p. 8) e uma lista de museus com mobiliário egípcio e ferramentas usadas no seu fabrico (p. 59-61), que inclui o Museu Calouste Gulbenkian (apesar do seu prestigiado acervo egípcio não possuir qualquer peça relacionada com a temática deste livro). A bibliografia (p. 62) não inclui alguns autores que julgamos importantes para a matéria aqui tratada: é o caso de Walter B. Emery - *Archaic Egypt* (Harmondsworth, 1961) com uma aturada evocação do mobiliário e ferramentas da Época Arcaica ou Tinita e de Henry G. Fischer - *L'écriture et l'art de l'Égypte ancienne* (Paris, 1986) que contém uma boa análise das estreitas relações entre o mobiliário e os signos hieroglíficos. Um índice remissivo (p. 63-64) fecha a obra, cuja publicação se saúda e cuja leitura se recomenda.

Luís Manuel de Araújo

---

Anne DELANGES e Anne REPARS (dir. de)

**Paléolithique moyen en pays de Caux (Haute-Normandie)**

Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1996, 248 p., il., 30 cm. (Documents d'archéologie française, 56. Archéologie préventive). ISBN 2-7351-0615-2. ISSN 1255-2127.

---

O estudo resultante da pequena equipa multidisciplinar que Anne Delanges e Anne Repars dirigiram em dois sítios do Paleolítico Médio de ar livre, em meio loéssico na Haute-Normandie, merece uma particular referência, tanto pelo seu próprio conteúdo, como pelo que representa no âmbito dos mais positivos desenvolvimentos recentes da arqueologia francesa, na tripla dimensão científica, patrimonial e editorial.

Le Purcheuil e Etouville, ambos no departamento do Seine-Maritime, são dois locais encontrados no âmbito dos trabalhos de prospecção prévios à construção das auto-estradas A28/A29. O primeiro, Le Purcheuil, documenta a ocorrência de pelo menos duas fases de ocupação humana correlacionáveis com a evolução local do relevo (as ocupações mais antigas seriam anteriores à formação de uma dolina e as mais recentes ter-se-iam já instalado nela), atribuíveis ao interglaciário saaliano (Mindel/Riss, na terminologia alpina convencional) e ao início da glaciação saaliana (Riss), ou seja, em termos absolutos, a cronologias da ordem dos 250 milhares de anos e dos 200/180 milhares de anos, respectivamente. O aspecto mais curioso nas indústrias líticas é a sua diagnose "levalloisense", detalhadamente suportada. Observa-se a escassez de utensílios retocados, tradicionalmente assinalada neste tipo de conjuntos líticos. Procuram-se extrair ensinamentos no sentido da melhor definição do conceito "indústrias do Paleolítico Médio", confirmando as ideias de diversos autores, designadamente de Alain Tuffreau, quanto à sua grande ancestralidade, naquilo que se poderia

designar por "Paleolítico Médio Antigo", com datações que poderiam remontar até próximo dos 300 mil anos.

Sendo interessantes, os resultados obtidos em Le Purcheuil afiguram-se no entanto bastante menos inovadores do que os do segundo local incluído na monografia sob apreciação. Em Etouville, sítio atribuível a época sensivelmente mais recente (inícios da última glaciação, entre cerca de 110 e cerca de 80 mil anos em termos absolutos) pôde documentar-se com notável precisão (incluindo numerosas e magníficas remontagens, assim como análises de distribuição espacial de vestígios) a ocorrência de um sistema de produção de suportes líticos particularmente original. A partir de uma modalidade de talhe iniciada sob concepção Levallois e dentro da mesma cadeia operatória a que ela dá origem, desenvolvem-se a partir de determinado momento dois procedimentos conceptuais marcadamente distintos, ambos destinados à obtenção de produtos estandardizados alongados, isto é, de lâminas. O primeiro, assentando nas massas nucleares, mantém até ao fim o precedente recorte de exploração volumétrica facial de tipo Levallois; o segundo, partindo de subprodutos (suportes sobre lasca) obtidos em fases iniciais da formatação dos núcleos, avança nitidamente no sentido das modalidades de exploração volumétrica tridimensionais que vulgarmente se designam sob a expressão "de tipo Paleolítico Superior". Não se trata de algo totalmente inédito: na última década, têm vindo a ser conhecidos no Norte de França e Bélgica outros sítios da mesma época (inícios da última glaciação), nos quais se demonstrou a existência da produção sistemática (e não meramente ocasional ou fortuita) de lâminas (v., por exemplo, a obra de Stéphane Révillion, "Les industries laminaires du Paléolithique moyen en Europe septentrionale", publ. do CERP, n.º 5, Lille, 1994). Alguns documentam a produção exclusiva de lâminas, dentro dos cânones Levallois (caso de Rocourt, na Bélgica); outros, assinalam a produção de lâminas e de lascas em paralelo, mas segundo cadeias operatórias distintas (caso de Riencourt-lès-Bapaume, no Pas-de-Calais). Em Etouville, pela primeira vez, verifica-se a coexistência de duas modalidades conceptuais de produção do mesmo tipo de suporte final - o que afinal mais reforça o sentido intencional deste tipo de suporte e o significado histórico do horizonte espaço-cultural a que dá corpo e onde se inclui - como bem assinala a autora do seu estudo: "A produção laminar no norte da França aparece, pois, no estado actual das descobertas, como um fenómeno técnico notavelmente limitado no plano cronológico. Ele oferece por este facto a perspectiva, à escala regional, de uma aproximação às tradições técnicas existentes no seio de um grupo que poderia corresponder a um mesmo 'grupo cultural', o que constitui uma oportunidade extremamente rara para estes períodos" (p. 227). Ou seja: os sítios do Paleolítico Médio com lâminas do Norte da França poderiam ser utilizados para servir à definição de uma cultura no sentido tradicional do termo - o que nos parece defensável. O que já não podemos acompanhar é a facilidade excessiva com que a aproximação volumétrica aos padrões "tipo Paleolítico Superior" aqui documentados permite mais adiante sugerir à autora citada, ainda que muito subtilmente é certo, uma qualquer filiação dos procedimentos técnicos deste último período nas tecnologias das populações que também produziram lâminas do início da última glaciação no Noroeste europeu. Independentemente de não ser para nós claro que entre as mil e uma maneiras diferentes de "ser lâmina" (na expressão humorada de Jacques Tixier), as de Etouville sejam verdadeiramente idênticas às do Paleolítico Superior,

subsiste entre ambas, e os sítios em que se inserem, um “pequeno” problema: os cerca de 50 mil anos de intervalo. E sendo desconhecido esse rasto, mesmo noutras regiões mais meridionais, apenas poderíamos concluir que os caçadores do Norte da França com lâminas as teriam deixado de usar durante algumas dezenas de milhares de anos, para, por curiosa coincidência, se lembrarem delas quando na Europa de desenvolvem as indústrias do Paleolítico Superior. Oferecemos de bom grado este cenário, a quem lhe tenha feição. Pelo nosso lado, dispensamo-lo.

Para além de aspectos como os indicados, o estudo em apreço sugere ainda, como dissemos, outras reflexões nos domínios patrimonial e editorial. Com este volume, são já em número de quatro os trabalhos sobre sítios do Paleolítico Médio publicados na mesma série monográfica (de concepção editorial e grafismo muito agradáveis, mais funcionais do que luxuosos) e todos resultantes de trabalhos de campo em contexto de salvamento ou de intervenção preventiva: La Borde, fissura cársica destruída em 1971, onde Michel Lorblanchet recuperou o que pôde, sem grande método de escavação, tendo dado origem em 1988 a um estudo exemplar, tanto do ponto de vista da caracterização das indústrias líticas (essencialmente em quartzo), como das associações faunísticas, dominadas pelo auroque, estudo publicado em 1990 (J. Jaubert *et. al.*, “Les Chasseurs d’aurochs de la Borde. Un site du Paléolithique moyen (Livernon, Lot)”, n.º 27 da série); Riencourt-lès-Bapaume, sítio de ar livre descoberto no traçado do TVG Norte, escavado em 1990 e publicado em 1993, rico de uma indústria de mais de 86 mil artefactos, com um horizonte em que se registaram os dois modos de produção lítica já citados (Levallois para lascas e laminar), aparentemente conduzidos para a execução de tipos funcionais diferenciados (A. Tuffreau, dir. de, “Riencourt-lès-Bapaume (Pas-de-Calais). Um gisement du Paléolithique moyen”, n.º 37 da série); e os locais pré-rissianos e rissianos da zona entre Montereau e Troyes, no Yonne, com indústrias de tipo mustierense e de tipo micoquense, descobertos no perímetro das futuras auto-estradas A5/A160 e publicados em 1994 (V. Deloze *et al.*, “Le Paléolithique moyen dans le nord du Sénonais (Yonne)”, n.º 47 da série). Globalmente, estes trabalhos constituem a prova de que o trabalho realizado no âmbito da chamada “arqueologia preventiva”, mesmo no caso das “grandes trabalhos” públicos, não tem necessariamente de ser cientificamente menos exigente e acabar por perder-se sem publicação atempada. Testemunham também de como são indispensáveis as prospecções e subsequentes trabalhos dirigidos por equipas especializadas em Paleolítico - quando tantas vezes se vê resumir os estudos de impacte e correspondentes medidas minimizadoras à intervenção em sítios de épocas ulteriores, normalmente de percepção mais imediata. Há menos de um década, a arqueologia francesa encontrava-se ainda num impasse terrível, muito próximo daquele em que ainda nos situamos em Portugal, nesta data (Outubro de 1996): começava a haver dinheiro para a realização de estudos de impacte ambiental, mas escasseavam as orientações para a sua execução, eram quase nulos os meios para os fiscalizar e inexistentes os mecanismos de publicação expedita. Hoje, a situação é outra. A publicação objecto desta nota, e a série monográfica em que se inclui, constituem o melhor exemplo dos passos entretanto dados. Nunca é tarde para aprendermos com as experiências alheias.

Luís Raposo

Marie-Louise INIZAN, Michèle REDURON-BALLINGER, Hélène ROCHE e Jacques TIXIER

### **Technologie de la pierre taillée**

Meudon, Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques, 1995, 200 p., il. (Préhistoire de la Pierre Taillée, 4). ISBN 2-903516-04-9.

Todos os que se dedicam ao estudo das indústrias de pedra lascada, especialmente do período Paleolítico, conhecem bem a dificuldade que resulta da inexistência de definições, terminologias e normas de classificação de uso verdadeiramente universal. Em certa medida, trata-se de ocorrência inelutável, patente em praticamente todas as áreas do estudo de materiais arqueológicos. Nunca, em domínio descritivo algum, o mundo há-de estar tão cartesianamente organizado em léxicos e *thesauri* que dispensem o observador da sua própria subjectividade. O que nem sequer é mau, porque à angústia de uns tantos, sempre há-de opor-se a liberdade criativa dos restantes.

Convenhamos, porém, que fazem falta, e reconfortam, os esforços de domesticação do acto descritivo. Qual não foi o estudante de Pré-História Antiga que não se deliciou com a descoberta de obras clássicas, como as de Michel Brézillon ("La dénomination des objets de pierre taillée", ed. CNRS, Paris, 1971) e de José Maria Merino ("Tipología Lítica", ed. Sociedad de Ciencias Aranzandi, San Sebastian, 1968), por exemplo. Qual não foi o pré-historiador encartado que não dissecou as famosas "Notules de typologie paléolithique" de François Bordes, publicadas nos anos 50 em sucessivos fascículos do "Bulletin de la Société préhistorique française", e mais tarde não fez da "Typologie du Paléolithique ancien et moyen" (ed. CNRS, Bordéus, 1961) do mesmo autor, seu livro de horas? Qual não foi, enfim, o jovem tirocinante dos anos 60 que um dia não se deslumbrou com a segurança analítica e "objectiva" da estenografia laplaciana (v., por exemplo, "La typologie analytique et structurale: base rationnelle d'étude des industries lithiques et osseuses", colóquios nacionais do CNRS, n.º 932, Paris, 1972)? Mais ou menos erodidas pelos efeitos das "modas" e do "progresso" científico, trata-se de obras que ainda hoje se consultam regularmente, com inegável proveito. E o espaço por elas ocupado encontra-se sempre disponível para receber novos títulos, especialmente quando ocorram desenvolvimentos metodológicos que pareçam abrir novas vias de análise.

No estudo das indústrias de pedra lascada, os desenvolvimentos das duas últimas décadas têm sido direccionados no sentido do alargamento da tipologia morfológica tradicional para os domínios da tecnologia e da traceologia, em ambos os casos com frequente recurso a procedimentos analógicos de raiz actualista (a chamada tecnologia experimental). Acumularam-se as tensões (excessivas, segundo cremos) entre as "escolas" tipológica e tecnológica. Os velhos *corpus* descritivos tipológicos passaram a ser tidos por ultrapassados e o amadurecimento da via tecnológica haveria forçosamente de conduzir a manuais alternativos. Foi assim que surgiu em 1980 a primeira edição de uma "Préhistoire de la pierre taillée - I, terminologie et technologie" da autoria de J. Tixier, M.-L. Inizan e H. Roche (ed. CREP, Antibes) - obra de tanto sucesso que dela, no nosso país, houve estudantes que retiraram ilustrações para estampar em cami-



solas. Foi assim que em 1992, e com modificações consideráveis, a mesma obra veio a ser publicada em língua inglesa ("Technology of Knapped Stone", ed. CREP, Meudon). É ainda assim que mais recentemente, e com novas modificações, ela regressou ao domínio linguístico original, na edição indicada em epígrafe.

O volume em apreço surge bastante melhor estruturado e ilustrado do que nas edições anteriores. Mas o objectivo final continua a ser o mesmo: fornecer ao pré-historiador um guia prático da leitura tecnológica de objectos líticos aos quais possam ser associadas acções humanas, sejam meros suportes não modificados (*manuports*, dir-se-ia), sejam verdadeiros artefactos, qualquer deles investidos da funcionalidade própria de utensílios ou reduzidos à categoria de massas potenciais ou subprodutos de talhe. Segue-se agora, porém, uma ordem mais escurreita, que leva o leitor desde as definições e condicionamentos iniciais impostos pela natureza e modos de aquisição das matérias-primas, passando sucessivamente pelas operações iniciais de talhe, pelas duas grandes concepções de exploração das massas iniciais (a formatação, quando os suportes iniciais se convertem em utensílios, e a debitage, quando dos suportes iniciais se extraem subprodutos que, por seu vez se convertem em utensílios) e pelo retoque de finalização, até à leitura tecnológica de síntese acima indicada e às próprias modalidades de apreensão dos conjuntos líticos, tendo por base os dados intrínsecos que resultam da observação dos próprios objectos pré-históricos (vestígios de utilização, remontagens, análise dos procedimentos técnicos) e os dados extrínsecos, provenientes das experiências de talhe. Aspectos como os da caracterização mineralógica das rochas duras susceptíveis de serem utilizadas para o fabrico de utensílios em pedra lascada (onde, pela primeira vez em manuais internacionais deste tipo, surge identificada uma amostra portuguesa, na ocorrência um quartzito sanguíneo dos terraços do Tejo, recolhido em Vila Velha de Ródão), dos acidentes de talhe (fracturas, ultrapassagens, reflexões, etc.), da morfologia dos produtos finais obtidos através do modo de formatação bifacial, da enumeração de outros modos de formatação (triédrico, "quadrangular" ou "quadrifacial"), da referência ao caso particular de concepção volumétrica e tecnológica dos machados de mão ("hachereaux"), entre outros, constituem preciosos aditamentos às edições precedentes. Do mesmo modo, salienta-se a inclusão de um novo capítulo sobre a representação gráfica: um autêntico breviário onde pela primeira vez se estabelecem e/ou compendiam numerosas convenções susceptíveis de fornecer ao leitor um mais fácil contacto com a interpretação tecnológica do analista. Finalmente, deve sublinhar-se o enriquecimento também conferido ao precioso léxico terminológico e ao vocabulário multilíngue em seis línguas, nas quais se conta pela primeira vez o português - o que pode contribuir para uma maior fixação desta meta-linguagem na nossa língua, evitando o recurso frequente, e quase sempre empobrecedor, a vocábulos estrangeiros.

Em síntese, pode dizer-se que se atingiu com a presente edição a maturidade que permitirá confirmar o carácter referencial desta obra. Será porventura possível ir mais longe, com a inclusão de metodologias decorrentes dos procedimentos de decomposição analítica ("remontagem mental", na expressão de Jacques Pelegrin) das cadeias operatórias líticas e da sua representação gráfica, segundo métodos já experimentados por autores como Jean-Michel Geneste ou principalmente Alain Turq, entre outros. Será também desejável esperar pelo dia

em que novo manual mais abrangente possa reunir num todo articulado o estudo tecnológico e a diagnose tipológica mais tradicional (uma primeira tentativa nesse sentido, porém demasiado elementar, foi já dada à estampa por André Debénath e Harold Dibble, "Paleolithic Typology", vol. 1 - "Lower and Middle Paleolithic of Europe", ed. The University Museum, University of Pennsylvania, ISBN 0-924171-23-5, Filadélfia, 1994). Mas o que fica é já suficientemente importante. Afinal, ao percorrer esta obra e ao detectar o profundo humanismo que a percorre, mais nos convencemos do bom fundamento da perspectiva segundo a qual, na aproximação ao artesanato pré-histórico, o conhecimento do "savoir faire" deve prevalecer sobre o do produto acabado. Compreende-se: pode imitar-se, com facilidade, uma certa forma de utensílio, por razões de funcionalidade ou de moda; mas dificilmente se reproduz um modo de fabrico - verdadeiro "cartão de identidade" do grupo e "imagem de marca" do indivíduo. Talvez assim possamos saudavelmente reconduzir o estudo dos objectos líticos à demanda da norma cultural, histórica por natureza, libertando-o da estreiteza de vistas e do impasse epistémico a que o adaptacionismo neofuncionalista o tinha conduzido.

Luís Raposo